

O sândi vocálico externo e a morfologia: análise de um corpus da variedade lingüística goiana*

Brenda Veloso**

Resumo: Este trabalho tem como objetivo analisar a relação entre a morfologia e a fonologia em casos de sândi vocálico externo que envolvem morfemas formados por um segmento apenas. Eu discuto que o determinante é uma categoria conservadora que não pode ser elidido. Para explicar o mecanismo da regra que não permite esse apagamento dos determinantes, esta pesquisa se baseia em hipóteses levantadas no contexto teórico da Morfologia Distribuída. Segundo essas hipóteses, primeiro ocorrem operações motivadas no nível morfológico e depois os processos fonológicos pós-lexicais são desencadeados. O modelo de gramática assumido pela Morfologia Distribuída permite que regras fonológicas tenham interação com o componente morfossintático.

Palavras-chave: Sândi. Elisão. Monomorfemas. Morfologia Distribuída.

Abstract: This paper focuses on the relation between Morphology and Phonology in cases of external vowel sandhi rules involving morphemes formed by only one segment. I argue that the determinant is a conservative category which does not permit to be elided. To explain the mechanism of this prohibition rule, this research is based on the assumptions made by the Distributed Morphology. According to these assumptions, motivated operations in the morphological level take place and afterwards the phonological processes apply. This model of Grammar allows the post-lexical phonological rules interact with the morph-syntactic component.

Key words: Sandhi. Elision. Monomorphemes. Distributed Morphology.

* A autora agradece à FAPESP (Processo n. 00/14328-8).

** Universidade Estadual de Campinas/Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado de São Paulo. E-mail: brenda@iel.unicamp.br

1 Introdução

Esta pesquisa objetiva descrever e analisar os processos de sândi vocálico externo presentes nos diálogos entre homens do campo e profissionais de Ciências Agrárias no interior de Goiás, comparando-os com processos evidenciados em outras regiões do país. A partir desta análise, será possível não só estabelecer uma comparação, mas também verificar se as ocorrências e os casos de bloqueio categórico dos processos observados se dão da mesma maneira que aqueles estudados por Bisol (1992, 1996 e 2000), Abaurre (1996) e Abaurre et al. (1999).

Os trabalhos de Bisol, citados anteriormente, têm uma importância fundamental para a descrição e análise do sândi vocálico externo no português brasileiro. De acordo com tais estudos, o sândi é visto como um processo de ressilabação, que envolve dois itens lexicais sob o domínio do mesmo enunciado, e que produzem como resultado final a elisão, a ditongação ou a degeminação.

Os trabalhos de Abaurre (1996) e Abaurre et al. (1999) trataram da interação entre os processos de sândi, especificamente degeminação e elisão, e a interface fonologia-sintaxe. A partir da recorrência do bloqueio da elisão de monomorfemas no *corpus*, optei por discutir a relação entre esses processos e a morfologia, fenômeno ainda não explicitado nos estudos do sândi.

2 O sândi no corpus

Ditongação

A ditongação, segundo Bisol (1992), é um dos processos de sândi que consiste em manter a vogal de maior grau de sonoridade na posição nuclear preservada, em se tratando de vogais de alturas diferentes. Se apenas a primeira vogal for alta, ela converte-se em glide pelo simples fato de ser agregada à única posição do molde silábico disponível, que é a de soante, como ramificação do ataque.

Se a segunda vogal for alta, ela será desalojada para a posição de coda em favor do núcleo de sonoridade maior, e, quando ambas as vogais são altas, a da direita é preservada em função da ressilabação em fronteira vocabular, que tem como domínio a frase fonológica, e que atua na direção esquerda/direita. Veja os exemplos retirados do *corpus* de diálogos entre homens do campo e profissionais de Ciências Agrárias:

- | | |
|--------------------------|---------------------------|
| (01) "já entregou" | [ʒaỹtre'go] |
| (02) "onde (v)ocês" | [õdʒyo'seys] ¹ |
| (03) "que a média geral" | [kya,mẽdyazẽ'rõw] |
| (04) "para esperar" | [,praɣspe'ra] |
| (05) "que o senhor" | [kyusĩ'por] |

Nos dados acima relacionados, verifica-se a juntura de vogais com diferentes alturas (a/i e i/a), ou alturas semelhantes, visto que as vogais (e/o), como átonas finais, realizam-se como (i/u), respectivamente. O resultado é sempre um ditongo, o qual pode ser decrescente, em (01) e (04), ou crescente, em (02) e (03).

No que diz respeito à morfologia, a unidade morfológica que faz parte de um vocábulo fonológico, constituída de apenas uma vogal, é menos atingida, mas esse contexto não causa o bloqueio do sândi. Em vocábulos maiores, a aplicação da ditongação não está condicionada às características morfológicas da vogal que passa pelo processo.

Degeminação

A degeminação é desencadeada pela juntura de qualquer seqüência de vogais idênticas, em que o choque de núcleos silábicos provoca a dissilabação e a atuação do PCO (Princípio do Contorno Obrigatório), que proíbe segmentos adjacentes idênticos no nível melódico. Dessa forma, para os dados observados no corpus de diálogos entre profissionais de Ciências Agrárias e homens do campo goianos, temos:

- | | |
|----------------------|----------------|
| (06) "vinha amanhã" | [,vĩnamã'jã] |
| (07) "pega a camisa" | [,pegaka'miza] |
| (08) "foi embora" | [foỹ'bora] |
| (09) "ficha antiga" | [,fĩfã'tĩga/ |
| (10) "senta aí" | [sẽta'i] |

Em todos os exemplos supracitados há uma fusão de duas vogais de mesma qualidade (a/a, i/i) e que estão em posição átona, por atuação do PCO após o processo de ressilabação. A morfologia não bloqueia a degeminação, pois as vogais que passam por esse tipo de processo são idênticas, e a informação morfológica não é perdida. É o que se pode depreender dos exemplos abaixo (estes

¹ O segmento em parênteses indica que o mesmo não é pronunciado.

exemplos foram retirados de um corpus experimental, sobre a elisão dos monomorfemas em casos de sândi), em que as vogais são pronunciadas conforme sua tonicidade:

- (11) "na aldeia" → [nal'deya]
 (12) "olho o menino" → [ɔlhum'i'ninu]
 (13) "da amiga" → [da'miga]
 (14) "de espelho" → [dis'peʃu]
 (15) "vi a amostra" → [vya'maʃtra]

Elisão

O processo de elisão também tem como ponto de partida uma rejeição à seqüência imediata de dois núcleos silábicos de vocábulos diferentes, e, segundo Bisol (1996), apresenta tendência à aplicação categórica diante de o e u. Alguns exemplos retirados do corpus:

- (16) "outubro a setembro" [o,tubrase'tẽbru]
 (17) "sessenta e oito" [se,sẽti'oytu]
 (18) "trinta e dois" [tɾiti'doys]
 (19) "gráfico aqui" [grafika'ki]
 (20) "tinha uma receita" [ʃɪnũmaxe'seyta]

No corpus considerado, o tipo de elisão que envolve a vogal a, seguida de vogal anterior alta i é muito recorrente e, de acordo com os dados por mim analisados, a elisão é sempre opcional, acontecendo tanto se a está diante de vogal posterior ou anterior. A elisão, como dito anteriormente, faz restrição ao acento lexical e ao acento frasal nuclear da segunda vogal, e é proibido "o apagamento de categorias morfológicas no âmbito da junção interna, i. é, todo a que está por um morfema é preservado, sozinho ou em formas contraídas como da (de+a)" (Bisol, 1992, p. 95), como mostram os exemplos abaixo:

- (21) na estrada *nis'trada
 (22) da oração *dora'ção
 (23) do enfermo *din'fermo
 (24) de amiga *da'miga
 (25) a universidade *universi'dade

Em contraposição, casos em que o primeiro vocábulo não é um monomorfema, a elisão é permitida, conforme os seguintes exemplos:

- (26) "cama espalhada" [kamispa'xada]
 (27) "casa horrível" [kaso'xivew]
 (28) "amiga orgulhosa" [a,migorgu'xɔza]
 (29) "sala espaçosa" [salispa'saza]
 (30) "forma ondulada" [fɔrmõdu'lada]

Em artigo publicado em 2000, Bisol explora um pouco mais a questão dos monossílabos, em que o hiato é a forma preferida quando uma das vogais a ser apagada é um monomorfema. Segundo a autora, a elisão do morfema prejudica o sentido da frase, já que não se pode distinguir, por exemplo, da entrada de de entrada. Bisol vê, no caso dos monomorfemas, um problema para a Fonologia Lexical.

Segundo esta pesquisa, a elisão dos monomorfemas não apresenta um problema para a Fonologia Lexical, já que as regras de sândi não são cíclicas, e nem lexicais, mas se aplicam no componente pós-lexical. Na elisão, o que se tem é justamente a preservação de uma informação morfológica, em que uma regra pós-lexical deixa de ser aplicada em favor da morfologia, no caso, de um único segmento que é contrastivo. Assim, a regra pós-lexical não consegue eliminar um segmento que contém informação morfológica relevante, e é bloqueada, o que é diferente de dizer que se aplica ciclicamente ou que acessa informações referentes à junção de morfemas.

Antes de ser um problema para a Fonologia Lexical, a não aplicação da regra de elisão a monomorfemas é um problema para uma configuração de gramática que não conceba a interação entre regras fonológicas pós-lexicais e a morfologia, principalmente a morfologia flexional, de que estamos tratando (cf. exemplos (21) a (25)).

Bisol (2000) questiona sobre uma outra maneira pela qual se pode distinguir /de/ de /da/, a não ser pela qualidade da vogal ou fatores ligados à intensidade, duração altura, ou outras propriedades prosódicas. Depois de analisadas as ocorrências de monomorfemas no corpus, constatamos que a elisão é proibida não por fatores fonológicos ou prosódicos, pois encontramos vogais da mesma qualidade em morfemas com mais de uma sílaba, com o mesmo padrão acentual, altura etc., isto é, os monomorfemas respeitam todas as exigências que dizem respeito à fonologia, inclusive à fonologia prosódica.

Levando em consideração o que foi exposto acima, optamos por analisar os dados através da Morfologia Distribuída (Halle e Marantz, 1993; Bobaljik, 1995), a qual adota a organização básica de uma gramática de "Princípios e Parâmetros" (cf. Chomsky, 1981), adicionando um nível de Estrutura Morfológica, que está na interface entre a sintaxe e a fonologia, e que permite à Forma Fonológica acessar informações da Estrutura morfológica, conforme diagrama abaixo:

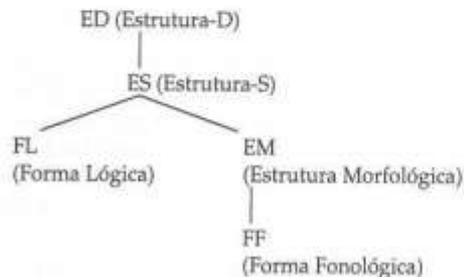


Figura 1: Modelo de Gramática na Morfologia Distribuída

As representações em cada um dos cinco níveis consistem de grupos hierárquicos de elementos terminais graficamente representados por diagramas em forma de árvore. Esses elementos terminais consistem de complexos de traços gramaticais, e são supridos com traços fonológicos somente depois da inserção do Vocabulário em EM. A Morfologia Distribuída reconhece que EM é um nível de representação gramatical com seus próprios princípios e propriedades, e que aparentes discrepâncias entre a organização das "peças" morfossintáticas e a organização das "peças" fonológicas são o resultado de operações bem motivadas, manipulando elementos terminais nesse nível e em ED e ES. No caso dos monomorfemas, proponho que a presença do determinante é que bloqueia a elisão, por ser resultado da fusão entre os nós sintáticos terminais Det(erminante) e as concordâncias de gênero e número (Agr).

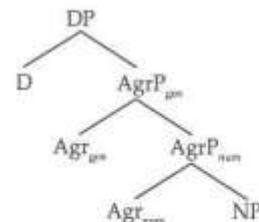


Figura 2: Representação do DP que Contém o Monomorfema

Primeiramente, tem-se a concatenação entre as categorias de gênero e número, pois o resultado dessa operação é a inserção de dois itens do Vocabulário separados sob o núcleo derivado, um para cada um dos nós terminais concatenados. Em seguida, os sufixos de concordância são adjungidos a nós de adjetivos e determinantes, e então os traços associados ao núcleo N do DP são copiados. Finalmente, dá-se a fusão entre o determinante e o resultado da concatenação entre número e gênero.

Ao assumir uma forma fraca da hipótese funcionalista (Poplack, 1979), segundo a qual as funções morfológicas podem interagir sistematicamente com processos fonológicos, permitindo tanto o apagamento como a preservação da marca fonológica, pode-se fazer uma previsão de que "processos fonológicos podem ser bloqueados em ambientes nos quais sua aplicação poderia apagar distinções morfológicas na superfície" (Poplack, 1980, p. 372), já que nos casos dos monomorfemas há uma retenção da marca morfológica com a finalidade de preservar esse tipo de informação. Segundo Poplack (1980), vários estudos têm corroborado que o determinante é uma das categorias mais conservadoras no que diz respeito ao apagamento.

Conclusão

Tendo em vista o que foi exposto, torna-se mais plausível considerar a proibição da elisão de monomorfemas como um resultado da interação entre operações morfológicas e fonológicas que entre morfologia e prosódia, já que os fatores que bloqueiam a elisão em outros contextos não são encontrados nos monomorfemas que não passam por elisão.

Referências

- ABAURRE, Maria Bernadete Marques. Acento frasal e processos fonológicos segmentais. In: *Letras de Hoje*, n. 104, p. 41-50, 1996.
- et al. A interface fonologia-sintaxe. Evidências do português brasileiro para uma hipótese *top-down* na aquisição da linguagem. In: SCARPA, Ester M. (Org.). *Estudos de prosódia*. Campinas: Unicamp, 1999.
- BISOL, Leda. Sândi vocálico externo: degeminação e elisão. In: ABAURRE, Maria Bernadete M.; WETZELS, W. Leo (Orgs.). *Cadernos de Estudos Linguísticos*, n. 23, p. 83-101, 1992.
- . Sândi externo: o processo e a variação. In: KATO, Mary (Org.). *Gramática do português falado*. v. 5: *convergências*. Campinas: FAPESP/Unicamp, 1996.
- . A elisão, uma regra variável. In: *Letras de Hoje*, n. 119, p. 319-330, 2000.
- BOBALJIK, J. *Morph syntax: the syntax of verbal inflectional*. Doctoral Dissertation, MIT, 1995.
- CHOMSKY, N. *Lectures on government and binding*. Dordrecht: Foris, 1981.
- HALLE, Morris; Alec Marantz, A. 1993. Distributed Morphology and the pieces of inflection. In: HALE, Ken; KEYSER, Samuel J. (Eds.). *The view from building 20*. Cambridge, MA: MIT Press.
- POPLACK, Shana. *Function and process in a variable phonology*. Doctoral Dissertation, Upenn, 1979.
- . Deletion and disambiguation in Puerto Rican Spanish. *Language*, n. 56, p. 371-385, 1980.